ANO 9.º — Sexta-feira, 13 de Outubro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 143

O DEMOCRATA

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Eleições

Estâmos a pouco menos dum mez das eleições câmararias.

A' hora que escrevemos não nos consta que tenham havido quaesquer trabalhos sérios tendentes a procurar quem melhor possa corresponder aos encargos de momento e á tarefa que indispensavelmente ha a realizar para melhorar e engrandecer, quanto possivel, esta béla terra ha tanto sacrificada ás conveniencias dalguns e á incapacidade de muitos.

Sem receio, que nunca tivémos, pela manifestação de quanto pensamos, e colocando acima de tudo o engrandecimento da cidade, em especial na realisação do que ha a fazer, partilhamos da ideia de que necessario se torna proceder a uma escolha de cidadãos á altura da sua missão, independente de conhecer-se da sua côr politica, que de nada vale para o que se tem em vista.

Quantos se prézem de ser filhos de Aveiro terão sem duvida o natural desejo por que a cidade progrida, conquistando com a realisação de melhoramentos o logar a que tem direito, aproveitando-se tudo em seu favor, inclùsivamente as belezas com que a Natureza expontaneamente a dotou.

Independente de qualquer outra preocupação dever se-iam convidar para a vereação todos a quem a sua boa vontade, conhecimentos e valôr possam corresponder em absoluto á missão de que fôrem investidos.

Sacrificar o valimento de qualquer na cooperação das várias obras compreendidas no programa a realizar *porque não pertence ao nosso partido*, é um erro gráve, é um principio absurdo que só rẹdunda em profundo prejuizo para os melhoramentos e progressos do concelho.

Temos um frisantissimo exemplo na vereação que bréve será substituida.

Homens todos honestos e honrados, sem sombra de duvida, a um grande numero deles, faltoulhe, porêm, a competencia indispensavel para o desempenho da sua missão e assim os outros, sós, entregues ao seu proprio esforço, cêdo se cançaram, não chegando a realizar-se a mais pequena obra de vulto das tantas que necessarias são.

Ponhâmos de parte a inutil presunção de, sem outro proveito mais, nos pavonearmos porque a câmara seja na sua maioria A ou B.

O que exigem os interesses e o progresso desta terra é que á frente dos seus destinos esteja quem melhor corresponda e compreenda o cargo; que a ele se dedique com consciencia e sciencia, fazendo saír Aveiro desta apatia criminosa que por falta de vontade, de conhecimentos e de esforço se tem prolongado da maneira mais criminosa e contraproducente.

Para a confirmação de quanto aqui dizemos temos entre nós mesmo o exemplo mais frisante e a prova mais completa: a Mizericordia.

Todo esse trabalho que para muitos significava um impossivel, realizou-o simplesmente a vontade dum homem que se compenetrou dos deveres do seu cargo, sacrificando-lhes a tranquilidade do seu espirito, o descanço do corpo e até o dinheiro do seu bolso.

Ainda que realizada á parte mais indispensavel e importante, o dr. Lourenço Peixinho, não descançou, não abandonou a sua imensa tarefa, que os egoistas não compreendem e os indiferentes não avaliam, e aí continua na sua gloriosa missão, conseguindo num persistente esforço que se não calcula, a realisação completa do seu humano, do seu patriotico programa.

Por este e por tantos outros exemplos daqui e de fóra, Aveiro tem a obrigação de procurar entre os seus, quem melhor possa corresponder á tarefa que lhe será confiada, concorrendo com amor e esforço dedicado em proveito e beneficio das suas mais inadiaveis necessidades.

Sejam democraticos, sejam evolucionistas, tenham ou não caracter politico definido, precisamos nas cadeiras do senado quem não vá por favor, ou como quem se desobriga apenas dum compromisso de momento.

O senado precisa ser constituido e organisado por homens de todos os partidos e por alguns que os não tenham, mas que possam satisfazer e corresponder, compreendendo-as, ás responsabilidades dos seus cargos e á grandeza da sua missão.

Estamos certos que ao publico que nos lê, independente de sectarismo e de facciosidade, calará bem no fundo da sua consciencia a pureza da verdade das nossas palavras que, pódem ser erradas, mas que apenas visam um objectivo: o bem desta terra.

Films...

Vaes bem Miguel...

De dia para dia está a tornarse mais interessante e valiosa a existencia do *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro.*

Com a nova colaboração do *ilustre* comissario de policia que tomou á sua conta o fornecimento, em copia, das ocorrencias *da semana, o orgão* atingiu uma curiosidade excepcional entre os seus numerosos leitores, já porque vão conhecendo das poderosas faculdades do autor da nova secção, *já por que é soberbo em extremo* lêr e vêr uma coluna, ou mais, repleta destas e outras novidades sensacionaes: José Francisco queixouse que, em Mataduços, o seu visinho Manuel Antonio o ameaçára de lhe partir os... dentes!

Maria Antonia, da rua de S. Roque, apresentou queixa contra o menor Manuel Elias a quem atribue a morte duma sua galinha!

E de facto, que grande galinha!...

Não passa disto, o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, sempre na brecha em defêsa dos grandes e imortaes principios...

Moralidade...

O *Catorze de Maio* faz no seu ultimo numero a seguinte pergunta:

O sr. Trindade Correia, administrador do concelho de Aldeia Galega, será o mesmo individuo que na cooperativa A Social, *se abotoou com o melhor de 1.643$33,3 além de tres acções do Banco Economia Portuguêsa no valor nominal de 60$00, e pelo que foi condenado pelos tribunaes competentes?*

Deve ser, colega, deve ser. E se está á espera que o respectivo governador civil lhe responda e a *bem da moralidade e da Republica* ponha as coisas no são, perde o tempo porque por cá sucede a mesma coisa

Uma explicação

Vai reproduzido noutro logar o que o *Democrata* publicou em suplemento na terça-feira ultima, sobre um almoço monarquico realisado na Associação Comercial, suplemento que nos foi impossivel fazer chegar a toda a parte, como desejávamos, pelas enormes despêsas e trabalho que isso acarretava.

A não ser o nome do sr. Firmino Picado, que tomou parte no banquête como encarregado da fiscalisação das pratas, e por lapso não foi incluido na lista dos convivas, tudo o mais sáe inteiramente isento de quaesquer alterações para tambem ser apreciado como merece pelos nossos leitores de fóra.

Mas agora, perguntâmos nós: então no banquête era preciso quem guardasse as pratas?!

DR. JOAQUIM CASTRO

—(•)—

Recebemos esta semana com infinito prazer a visita inexperada do nosso querido amigo dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, recentemente promovido a 2.ª classe e colocado na comarca de Mirandéla como delegado do Procurador da Republica.

Depois de doze anos de ausencia nos Açôres o dignissimo magistrado de justiça, que daqui tinha partido após a sua formatura, volta de novo ao continente onde conta inumeros amigos apreciadores das suas excelentes qualidades de caracter, sendo todavia motivo de excepcional jubilo, principalmente para nós, a sua passagem por esta cidade, cujo liceu frequentou, adquirindo a estima de quantos com ele conviveram durante esse tempo e mais tarde quando, estudante da Universidade, vinha passar as férias a casa do falecido Visconde da Silva Melo, seu parente.

Abraçando com efusão o dr. Joaquim Castro, a quem nos prende uma intima amizade consolidada em muitos anos de convivio, dirigimos egualmente os nossos cumprimentos a sua estremosa esposa, fazendo votos por que o nosso amigo possa instalar se mais perto desta terra, de que tanto gosta, logo que as circunstancias o permitam.

TUMULTOS

No Porto teem havido ultimamente acontecimentos de certa gravidade originados em conflitos entre a policia, o elemento militar e o povo, conflitos que além das mortes, prisões e ferimentos de parte a parte, obrigou as autoridades a efectuarem grande numero de prisões.

O govêrno tomou as indispensaveis medidas para evitar que factos tão lamentaveis se repitam na capital do norte, tendo sido destituidos já alguns funcionarios por se reconhecer a sua falta de energia tendente a reprimir os excessos que se deram e foram causa de extraordinario alvoroço.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Lamentavel

No paquete *Zaire* — lêmos numa gazeta—regressaram a Lisboa muitas dezenas de soldados portuguêses doentes, vindos da provincia de Moçambique, para onde tinham sido mandados combater o inimigo. Estes pobres soldados foram arrumados nos corredores do Hospital da Estrela, por falta de acomodações, não se compreendendo que nenhuma dessas *obras de assistencia*, que todos os dias enchem as colunas dos jornaes com as suas noticias e fotografias, os não recebessem, prodigalisando-lhes os confortos e os carinhos a que tinham direito e que era licito esperar de instituições para esse fim fundadas.

O' colêga! Então ainda acredita...

Que ingenuidade...

ELE...

Esteve ontem em Aveiro o *ilustre homem público* Barbosa de Magalhães, não conseguindo nós saber o fim que o cá trouxe.

Eleições? O processo contra a comissão executiva da Junta Geral?

Temos pouca vergonha pela certa.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

E que volta?

—(•)—

Escrevem-nos:

V. tem razão em afirmar que o sr. comissario de policia é a personificação da indolencia porque nem energia nem actividade possue. Para figura decorativa está muito bem...

A cidade é uma aldeia com todos as caracteristicas de retrocesso. A imundice abunda por toda a parte, os abusos de linguagem são frequentes, a falta de respeito pela propria autoridade é evidentissima. Finalmente: temos o andamento do caranguejo...

Mas ha mais: a cidade nunca foi tão visitada por forasteiros indigentes como agora. Apresentamse grupos, figuras defeituosas que parece mais uma exposição zoologica de exoticas creaturas do que gente humana, permanecendo dias, semanas e mezes por essas ruas sem que nelesatente quem tem restrita obrigação de o fazer.

Vemos o Antonio Varredor, routo, quasi nú, pés e mãos negras como um tição, a fazer a limpêsa da cidade, sendo ele o primeiro que devia ir na carroça do lixo. Para tudo isto não se repara e de aqui a pouco todos estamos familiarisados com o indiferentismo, com o desprezo pelo asseio e decencia e tudo se tornará um pantano.

Triste, muito triste sermos expectadores de nós proprios na desgraça da propria terra!

Um aveirense

E' aguentar e cara alegre.

Triste desiluzão!

—(•)—

O *Povo de Agueda*, voltando a ocupar-se do homem dos empregos, escreve com o titulo da epigrafe:

Só ontem nos veio á mão *O Democrata*, nosso colêga de Aveiro e sofregamente o passámos pela vista. Desejavamos conhecer o que o seu redactor, nosso amigo Arnaldo Ribeiro nos dizia, se sim ou não confirmava o mapa publicado dos vencimentos auferidos por sr. Encarnação, de todos os seus empregos que as autoridades consentem que ele acumule.

—Isto não póde ser! Isto é o cumulo da pouca vergonha!

Então as autoridades pódem consentir que o sr. Encarnação esteja a acumular tantos empregos, quando é certo que sincéros republicanos de Aveiro estão sendo deitados á margem como filhos espurios?

Então a Republica foi proclamada para á sombra dessa arvore da liberdade se banquetearem os gananciosos, os arranjistas, os patriotas de barriga?

Então este regimen é uma propriedade rustica da qual é senhor e possuidor esta ou aquela autoridade, dispondo a seu bel prazer do que ela produz em beneficio de quem quer que seja?

A *união sagrada* não se fez para encobrir estas vergonhas, resultantes de uma decadencia moral.

Não e não. A *união sagrada* fez-se para um fim moralizador, unindo todos os ideaes politicos e forças vivas da nação; não póde acobertar poucas vergonhas. E sendo assim, como é que o sr. dr. Eugenio Ribeiro, governador civil de Aveiro, não tem procurado providenciar e remediar estes abusos, acumulação de logares que o sr. Encarnação está exercendo?

Querem dizer que parte dos vencimentos que o sr. Encarnação recebe **são flutuantes que ámanhã desaparecem!**

Oh! da guarda! Acudi ao sr. Encarnação de Aveiro e aos seus padrinhos que *flutuam num mar de rosas*, enquanto durar a acumulação de empregos, beneficamente cedida a estes senhores.

Diz o nosso colega *O Democrata*, de Aveiro:

«O mais interessante é o que o proprio *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* **diz, referente ao mesmo assunto, não considerando as contas bem feitas visto os 90,400 e 95 escudos serem vencimentos flutuantes que ámanhã desaparecem.»**

Ai! ao estado a que isto chegou! Oh! sincéros republicanos! Oh! verdadeiros patriotas em quem ainda reste algum amor por esta querida Republica: correi a cacete, a chicote quem tão infamemente procede!

Vencimentos flutuantes que ámanhã desaparecem!

Isto não se diz! Isto não se escreve! Isto não se consente nas colunas de um jornal!

E nós a duvidarmos do que *O Democrata*, de Aveiro dizia a tal respeito!...

Parece inverosimil, parece. Contudo é isto que se vê.

Fóra o mais...

UM BANQUÊTE POLITICO

Conde de Agueda e os seus vassalos --- "Convictas,, afirmações de fé monarquica

Ha muito que se boquejava em vários pontos de cavaqueira indigena na realisação de um almoço, jantar ou ceia que diferentes amigos do conde d'Agueda deveriam oferecer-lhe, aproveitando a transição de estado por que este titular vai passar, como razão bastante para a sugestiva paparóca. Evidentemente se a festa tivesse um caracter intimo, fôsse uma manifestação de estima e afecto pessoal, não seriamos nós quem, de encontro a todas as conveniencias e considerações, a viessemos assoalhar e discutir. Mas desde que tal *festa* foi uma completa manifestação politica, de engrandecimento á monarquia corroborada pelas palavras e afirmações claras e evidentes, proferidas pelo proprio homenageado e outros, sem o protesto da quasi totalidade dos presentes, todos portanto unificados e concordes no volume e alcance politico que se pretendeu dar-lhe, embora de ridiculas proporções e de notavel pobreza franciscana, sob todos os pontos de vista, estamos no plenissimo direito de a discutir e apreciar, sem com isso ofender qualquer preceito ou melindre, seja qual ele fôr.

Na lista dos convivas que abaixo registâmos, entre eles, estão alguns que foram sempre para o festejado crematologico o que nas leis cosmicas são os satélites para os planetas. De resto, poucos e fracos os pilares em que neste momento assenta a pretença influencia e valor do sr. de Agueda que tanto na miseria do *menu*, como na pobreza numerica e politica dos resumidissimos circunstantes, se deveria ter convencido com o testemunho dos seus proprios olhos, até onde desceu e o que vale a sua importancia politica, o seu valor de *cacique*.

Memento homo, como diz a liturgia catolica, apostolica, romana!

No resumo dos *discursos* e perentorias declarações que foram feitas enquanto permitiu a resumida quantidade de *champagne* ingerida ao *toast*—vá lá o termo—o sr. conde fez afirmações duma requintada falsidade, atribuindo e imputando em exclusivo á Republica a pratica de actos que em aberto desacordo com a moralidade do regimen, eles são todavia o resultado indiscutivel da infiltração dos monarquicos para dentro das novas instituições, abusando de uma maneira indecorosa e vil da sua nova situação, estabelecidos agora os mesmos processos de então.

Afirmar que a Republica era uma fiel continuação da monarquia, uma copia autentica dos processos seguidos pelo regimen deposto, é afrontar a Verdade, ultrajar indignamente as instituições vigentes, que não tem as paginas da sua existencia enlameadas e eternamente sujas com o registo dos *adeantamentos*, a mais imoral e repugnante ladroeira que quantas praticadas pelos êrmos da Falperra.

Mas que merecimentos tinha a Republica e que consideração merecia ela ao sr. Manuel de Melo, quando ele efetuou o famoso comicio nos armazens da Praça do Peixe desta cidade e foi aprovada a sua moção propondo a adesão em massa do partido progressista ás novas instituições?

Se tal adesão se chegasse a realizar e o sr. Conde, com os seus correligionarios, passasse a ser um *lealissimo* e *convicto* republicano—tal qualmente os da Vera-Cruz—quaes seriam os processos politicos e a orientação a seguir dentro do novo regimen?

O mesmo, perfeitamente o mesmo que a *cotterie* do sr. Barbosa de Magalhães, que, escandalosamente, sob a sua direcção e protecção, está praticando, com o auxilio e proveito de quantos, sem pejo nem vergonha, colocam acima de tudo a barriga cheia.

Se o assalto, em coluna cerrada, chega a efectuar-se, o que se não teria aí praticado dentro da Republica, que de escandalos, que de reedições dos velhos tempos se não teriam feito! E certamente a Republica *não seria então uma copia autentica dos processos monarquicos*... Pois nem agora o tal conde falou verdade ainda que se dirigisse exclusivamente aos seus proprios amigos.

Mais uma vez os enganou. Mais uma vez lançou mão do processo antigo, ainda que afirmasse precisamente o contrario. O partido republicano constituido por quantos, fieis aos seus principios, não abandonam o campo da fidelidade ao regimen e do seu preito á moralidade do mesmo—sua base indispensavel—não esquece a historia politica de tão nefasta creatura para quem nunca houve justiça, respeito e lei.

Não esquece os publicos testemunhos de desmoralisação e impudor politico que foi sempre a bussola orientadora do triste e vergonhoso consulado em que esta terra largo tempo viveu, sob o dominio daquele que, publicamente informado, não teve repugnancia de, num determinado momento, estender a mão aos que se aborreceram cêdo de defender a cidade do aviltamento e do maior dos vexames pela tutéla que lhe foi imposta.

Ainda ontem deu novo testemunho de impudor, sentando-se ao lado do mesmo que afirmava e escrevia que—*nem por um porco!* — queria aproximações com tal nobreza!!!

Os republicanos que merecem essa verdadeira classificação, estejam hoje em que partido estiverem, não se esquecem das afrontas, das calunias e das perseguições revoltantes de que foram alvo nos tempos, infelizmente bem proximos, em que esta pobre terra esteve sob o pezo imbecil e mau, provocador e irritante, de Cristo, Mijareta & C.ª com a comissão encarregada de obter donativos para a campanha do *Pulha de Aveiro* e o titular de Agueda feito pau para toda a obra nas mãos criminosas do seu estado maior!

Ninguem, ninguem esquece tal!

Com o estomago cheio, bem disposto, disse o homenageado quanto quiz e quanto lhe acudiu á cabeça, entre os seus apostolos que a Republica mantem, pagando a uma grande parte deles os seus vencimentos correspondentes ás categorias que os distinguem como empregados publicos, hoje em demonstrações aberta, ostensivamente monarquicas, ámanhã, se de tal forem acusados, provando logo com o testemunho de Barbosa de Magalhães e outros o seu reconhecido e provado republicanismo de sempre!!!

Acacio Rosa é uma prova viva do que aqui dizemos.

Mas não querendo demorar mais o entroito da *grandesissima* festa, que pela sua *imponencia* e *alcance* está na rasão directa da sua influencia para a restauração da monarquia com o Conde á bica para rei, sempre diremos que o *nobre titular* mentiu aos outros e enganou-se a si.

Não vem certamente longe o dia em que, debandando o espetro terrivel que hoje esmaga e oprime a humanidade inteira, possâmos acordar e examinar com olhos de vêr quanto por nossa casa se passa.

A essa data a Republica hade expurgar do seu organismo esses germens perniciosos e mortiferos que nele se inocularam, para o que por toda a parte se iniciou e avoluma diariamente a indispensavel reacção, e o famoso Conde ha de continuar onde está com o seu despeito, o seu odio e a sua insignificancia intelectual e politica.

Tão cérto como tres e dois serem cinco.

E agora, ao relato do que na tarde de domingo se passou entre as quatro paredes da casa onde, em fraternal convivio, reuniram os melhores amigos do *grande homem publico*.

* * *

14 horas.

Na sala das sessões da *Associação Comercial*, ornamentada a capricho pelos srs. Silva Rocha e Marques Gomes, dá entrada, acompanhado de tres ou quatro acolitos, o antigo mandão do distrito a quem, como atraz dizemos, a Republica dispensou os serviços, apezar da pressa que se deu em aderir *sinceramente* ao novo regimen após o seu advento. Os convivas saudam-no de pé e o banquête principia a servir-se com lentidão pelos assistentes que em numero de 26 se sentam á meza.

São eles:

Conde de Agueda.

Dr. Jaime Silva, advogado.

Alfredo Esteves, marchante.

Dr. Almeida Azevedo, advogado.

Joaquim Soares.

Dr. Lourenço Peixinho, medico e provedor da Mizericordia.

Antonio Machado, capitão de infanteria 24.

Florentino Vicente Ferreira, recebedor proposto e tesoureiro da Câmara Municipal.

Dr. Joaquim Peixinho, advogado e notario.

Domingos Leite, comerciante.

Inácio Cunha, capitalista.

Dr. Brito Guimarães, professor do liceu, presidente do senado municipal e deputado unionista.

Antonio Ratola, comerciante.

Francisco da Silva Rocha, director da Escola Fernando Caldeira.

Padre Manuel Rodrigues Vieira, professor do liceu.

Antonio Calheiros, empregado da *Vacuum Oil Company*.

Atanasio de Carvalho, proprietario.

Alexandre Corrêa, chefe de conservação das Obras Publicas.

Acacio Rosa, amanuense do governo civil.

Padre Antonio dos Santos Pato, vigario das Aradas.

Ricardo Campos, comerciante.

Domingos Compos.

Antonio Vicente Ferreira.

João Trindade.

Padre Antonio Duarte Silva, advogado.

Jacinto Agapito Rebocho, proprietario.

Marques Gomes, empregado do governo civil e director do museu arqueologico.

Firmino Migueis Picado.

Satisfeitos, pelo menos na aparencia, todos conversam e mastigam, metendo a sua facécia de premeio, até que aí por volta das 16 horas começam

Os brindes

O primeiro é o do sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, que de todo o coração se associa áquela festa de homenagem a um homem que é conhecido em todo o país pelos seus merecimentos e distintos predicados. Recorda o seu passado, alude á situação que a Europa atravessa e por fim ergue a sua taça pelas felicidades do novo lar que se vai constituir.

Conde de Agueda, agradecendo, elogía o sr. dr. Antonio Emilio, á saude de quem bebe.

O sr. dr. Brito Guimarães, deseja tambem um futuro risonho ao sr. Conde, que no distrito de Aveiro se destaca pela nobreza do seu coração e pelos dotes de espirito que o tornam estimado e até querido.

Agradece-lhe o sr. Conde a gentilêsa, tanto mais partindo de pessoa tão categorisada e insuspeita como é o sr. Brito Guimarães.

Padre Vieira, o tal que *nem por um porco* queria gramar o sr. Conde, fez um sermão cheio de latim, que provoca hilariedade, por vezes. A Patria merece-lhe tambem algumas referencias e assim consegue impôr o homenageado como um grande patriota... que vai casar com o fim de ser util ao país.

Conde recorda as luctas do passado e a mastigar ainda daquelas *amabilidades* que lhe foram dirigidas no extinto orgão franquista, classifica, o da sermonéca, de *bom e fiel amigo*.

O dr. Joaquim Peixinho, faz rasgado elogio do seu velho e sempre querido amigo Conde de Agueda, á saude de quem bebe, associando-se assim á homenagem que supõe de caracter exclusivamente pessoal e que ele bem merece pela bondade do seu coração, pela sua generosidade e pelo seu talento.

Agueda, muito grato, reconhece no seu antigo correligionario e dedicado servidor todas as qualidades que dimanam dum verdadeiro homem de caracter e por isso ergue a taça em sua honra.

Depois o mesmo orador volta a levantar-se para dar umas explicações ao sr. Marques Gomes sobre um pretenso agravo, explicações que este aceita descreteando tambem sobre o assunto em tom de comoção.

A seguir brinda o sr. Domingos Leite, que fala dos beneficios do sr. Conde á cidade e ao distrito, reconhecendo por isso nele um autentico homem de bem.

Com os seus agradecimentos o sr. de Agueda elogía tambem o sr. Leite com cuja amizade muito se honra.

Padre Vieira volta ao uso da palavra. Risonho, diz coisas a que a assistencia acha imensa graça, estalando de riso quando ele termina—viva a familia nacional, viva a liberdade, viva a egualdade, viva a fraternidade.

Jaime Silva, diz que a festa indo direita ao homem vai direita ao politico e por isso não concorda com o seu colêga Peixinho querendo vêr néla apenas uma manifestação de caracter pessoal. Fala dos tempos em que combateu Agueda, da sua vida posterior a 5 de Outubro, das perseguições dos republicanos (sic) e por fim bebe pela saude e felicidades do amigo e companheiro de ideial.

Responde Agueda aludindo ás desinteligencias doutros tempos com o orador precedente e ás aproximações posteriores, com o que muito folga, brindando por fim á saude de Jaime Silva e de toda a sua familia.

Brito Guimarães brinda egualmente a Jaime Silva, seu dilecto amigo, um grande caracter e uma bela alma.

Padre Duarte Silva diz que foi adversario do Conde de Agueda em 1900, mas que depois adquiriu uma tal simpatia por esse ilustre homem publico que cada passo dado na sua vida é mais uma aproximação para s. ex.ª. A festa que se realisa, acrescenta, é uma festa escudada na politica. Sob esse aspecto a vê e como tal se associa a ela. Termina por protestar que hade ser sempre do sr. Conde, sempre, sempre.

Agueda mostra o seu reconhecimento pela publica adesão do ex-governador civil pimentista á politica que ali representa e brinda ao seu amigo padre Antonio, cujas felicidades tambem deseja.

Atanasio de Carvalho em bréves palavras saúda o sr. Conde não lhe ouvindo o nosso *reporter* mais por se ter de pôr a geito, na ocasião, e o orador de Requeixo findar logo o seu discurso.

O homenageado reconhece no sr. Atanasio um adversario leal, daqueles a quem é licito estender a mão depois da luta, e portanto o considéra, honrando-se hoje com a sua amizade.

O sr. dr. Almeida Azevedo—*Se não fosse uma festa politica o que é que eu vinha aqui fazer?* Fala com extraordinario calor sobre os defeitos da monarquia e os defeitos da Republica, pondo-os em paralelo, se é que os do novo regimen não são peores.

Uma voz—Peores, peores, mas muito peores.

Fala nos países estrangeiros, na volta ao mundo, que já deu, e nos processos politicos que teve ocasião de verificar serem mil vezes superiores aos adoptados em Portugal. Diz-se patriota amigo do Progresso e que deseja o bem da sua Patria sobre tudo. Criticando a Republica, conclue que não deseja tambem uma monarquia como a que estava, intoleravel e abjecta, tantos eram os desconchavos que praticava.

Conde de Agueda concorda que os processos da monarquia não eram bons, mas estes são peores. E' preciso trabalhar, fazer uma larga propaganda para que o país se levante e por isso apela para os que, como o sr. dr. Antonio Emilio, são profundos conhecedores do mal que vai corroendo a nação, no sentido de crear proselitos que se imponham á transformação deste estado de coisas.

O sr. Brito Guimarães levanta de novo a sua voz para tornar sciente que não se associa á parte politica que no banquête se tem feito resaltar, mas sim associa-se á homenagem ao homem cujas qualidades de caracter e coração muito aprecia. Bebe por conseguinte uma vez mais pelas felicidades do lar que vai constituir.

Agueda agradece a todos os presentes a comparencia áquela festa, que jámais esquecerá, e assim terminou o banquête monarquico de Aveiro, preparado por monarquicos e em honra do monarquico Conde de Agueda.

Bem sabemos, seguros estâmos mesmo, que mal algum advirá para a Republica, com o que se disse na sala das sessões da Associação Comercial, *gentilmente* cedida pela sua direcção, para nela e a pretexto dum almoço antenupcial, se atacarem as instituições, achincalhando o regimen. Todavia registado fica tambem esse facto, assim como o de terem colaborado nas homenagens ao representante da realêsa no distrito, os *democraticos* Silva Rocha e Acacio Rosa, a quem os dirigentes desse partido passaram diploma de fidelidade, quando afinal nunca deixaram de ser aquilo que sempre teem sido—uns troca-tintas sem dignidade politica nem convicções, tão ligados andam ás suas conveniencias e inconfessaveis interesses.

De resto, sobre o resultado final da pobrissima demonstração monarquica, que nem a bocarra do padre Pato conseguiu animar, não nos compete a nós dizer a ultima palavra. Tomando por missão registar e... passar adeante ela está finda com o relato do que foi para os *monarquicos* de Aveiro a tarde de domingo.

Teatro Aveirense

Abre no domingo pela primeira vez depois das transformações por que acaba de passar e ás quaes nos havemos de referir mais de espaço.

A *Dama das Camelias* é o *film* escolhido para esse dia em que decerto não faltará concorrencia a admirá-lo.

INCENDIO

Ficou na terça-feira quasi reduzido a cinzas o terceiro andar, recentemente construido, do predio que na rua Direita possue o sr. Carlos Picado, com estabelecimento de ferragens no réz-do-chão e oficina do lado de traz, onde trabalham bastantes operarios.

O fogo irrompeu com extraordinaria violencia por volta das 16 horas, comparecendo, apenas tangeu o sinal de alarme no sino dos Paços do Concelho, as duas corporações de bombeiros as quais, auxiliadas pelo povo, conseguiram dominar o incendio, evitando que ele se transmitisse aos outros andares ou aos predios visinhos. Dos arrojados rapazes alguns receberam ferimentos, que foram pensados nas ambulancias, sendo notavel o trabalho desenvolvido para conter as chamas que impetuosamente irrompiam, ameaçando devorar tudo em poucos minutos.

Os prejuizos, que ainda assim são importantes, dizem-nos que estão cobertos por duas companhias de seguros.

Nunes da Silva

—==(*)==—

A morte é sempre uma coisa horrenda, pavorosa. Mas quando ela arrebata um amigo e abruptamente o faz desaparecer do nosso lado, do nosso convivio, atinge tão grandes proporções esse golpe que não ha coração, por mais empedernido que seja, que não se sinta ferido, dilacerado, ante as determinações do Destino.

Foi a semana passada.

O nosso querido amigo Nunes da Silva, que nós sabiamos adoentado, peiorára. Todavia longe estávamos de supôr que o agravamento dos seus encomodos fôsse de modo a fazê-lo baquear, quando a noticia sêca da sua morte nos entra pela porta dentro. Podia lá ser?! E contudo nada mais verdadeiro. Verificámo-lo. Com os nossos proprios olhos, verificámo-lo. Efectivamente: Nunes da Silva, o excelente amigo, dotado dos sentimentos mais generosos, a alma mais candida que temos conhecido, o coração mais bem formado, o republicano de sempre, o patriota insigne, aquele que no Brazil tantos e tão assinalados serviços prestou a este jornal, acudindo-lhe sempre nas suas crises, auxiliando-o em tudo e disposto a toda a sorte de sacrificios por ele, vimo-lo: estava estendido ainda no leito, dormindo aquele profundo sono de que jámais se acorda—sereno, como um justo; tranquilo, como um bom; impassivel como um cadaver em que infelizmente se havia transformado horas antes. E então, não podendo conter as lagrimas, chorámos. As lagrimas são sempre um linitivo quando proveem do sentimento e representam profunda mágoa ou a dôr que nos dilacera a alma. Chorámos muito porque muitas tambem foram as provas de estima que nos deu Nunes da Silva a quem eternamente grato o nosso coração não deixará de lhe prestar as homenagens a que tem incontestavel direito.

* * *

João José Nunes da Silva era natural do concelho de Estarreja. Tendo, porêm, casado em Cacia, de tal modo se afeiçoou áquela terra que a considerava como sua, dispensando-lhe por esse facto alguns beneficios e empenhando-se, como poucos, pelo seu engrandecimento. Em correspondencias do Pará para este jornal nunca Nunes da Silva deixou de advogar os interesses daquela freguezia e a sua ultima vontade, que foi cumprida, pedindo para ser sepultado lá, prova bem o amor que o inditoso morto lhe votava, o que de resto se havia assinalado com a fundação do jornal *Écos de Cacia*, obra que iniciou após o seu definitivo regresso do Brazil. Ali, Nunes da Silva, foi um dos fundadores do *Centro Republicano Português do Pará*, fez parte de algumas associações de beneficencia, e como membro da nossa colonia honrou sempre o partido republicano pela coerencia do seu proceder e firmeza das suas convicções. Auxiliou egualmente a fundação do Centro Republioano de Cacia, de que era um dos socios mais dedicados.

O enterro civil do malogrado amigo efectuou-se no mesmo dia em que a morte no-lo roubou. Com ele, partimos, acompanhando-o; e quando no cemiterio, ainda envolto na bandeira verde-rubra, lhe dissémos o ultimo adeus com o espirito alucinado pela perda que acabavamos de sofrer, a memoria de Nunes da Silva soergueu-se, tornou-se grande porque, com esse homem simples, desapareceu um incansavel obreiro da Republica, um honesto cidadão, um pae estremoso e um patriota ás direitas.

Por isso nos deixou tantas saudades. E a recordação de que o não tornaremos a vêr perdura em nós como o maior dos pesadêlos, sensabilisa-nos, estâmos que se não dissipará.

Pobre e infeliz amigo!

Notas mundanas

Civil e catolicamente consorciou-se no sabado com a sr.ª D. Clotilde Dias, da Oliveirinha, o sr. Domingos Pereira Ramalheira, de Ilhavo, mas professor primario no concelho de Santarem, onde reside.

Os nossos votos pela felicidade dos noivos.

✠ *Tambem no domingo deve ter logar o enlace da sr.ª D. Isabel Maria Leite, filha do comerciante sr. Domingos José dos Santos Leite, com o alferes de infanteria 24, sr. Aristides Tavares.*

✠ *Acha-se na praia do Farol, acompanhado de sua familia, o sr. Manuel Marques da Silva.*

✠ *Para a Torreira partiu o sr. Manuel Simões de Oliveira, do Paço, que conta demorar-se até ao fim do mez.*

✠ *A juntar-se a seu marido, o digno juiz de direito na comarca de Cabinda, Congo Português, dr. Amorim de Lemos, seguiu para ali no Zaire a sr.ª D. Eugenia de Campos Amorim de Lemos, acompanhada de suas gentis filhas.*

✠ *Voltou a assumir a chefia do distrito de Ponta Delgada o nosso estimavel amigo, sr. dr. Antonio Rodrigues Salgado, depois de curta demora na metropole.*

✠ *Passaram ontem os aniversarios natalicios do sr. dr. José Maria Soares e da sr.ª D. Mécia de Barros Miranda Simão, esposa do sr. Antonio Felizardo.*

✠ *Regressou de Lisboa o sr. Viriato Fernando de Souza.*

Pelo Farol

Não ha que vêr: nem com a mudança de regimen os costumes se depuraram. Entranhou-se de tal maneira no organismo da sociedade portuguêsa o virus da relaxação e da compadrice, que não ha energia capaz de o extirpar.

Existe na praia do Farol um velho barracão, que em tempo serviu de arrecadação de materiaes e outros utensilios, quando da construção do referido farol. Vai, depois, o recinto começou de animar-se, constituindo um ajuntamento de edificações, muito procuradas todos os anos por quem póde ou precisa de refrescar os calôres nas *salsas aguas de Neptuno*, como dizia o velho falecido coléga do *Distrito*, Souza Maia.

Os *meninos*, que para lá seguiram as respectivas familias, mostraram necessidade de dar *ás gambias*. Lembraram-se de organisar uma assembleia. Mas enquanto que os *tôlos* são, *ajuizados* comem, não alargaram os cordões á bolsa e, por empenhoca ou outros artificios, conseguiram instalar-se no tal barracão, dispondo dele como propriedade sua e sem, sequer, indemnisarem o Estado com a minima retribuição.

Durante largos anos o vem disfrutando, com prejuizo dos serviços postaes, que foram instalados, como por esmola, num compartimento acanhadissimo do **rez** do chão!

Ora isto póde consentir-se? De modo nenhum. Torna-se, pois, urgente que o sr. director das Obras Publicas, que é um espirito ponderado e altissimo, dê ordem de despejo á *pequenada conquistadora e turbulenta*, dando ao barracão outro destino mais em harmonia com os interesses do Estado. Assim é que não póde ser.

Até nos baixos se estabeleceu tambem, á ultima hora, uma *tasca!*

E tudo isso sem que o Estado côlha um ceitil!

Ficaremos em guarda á espera de necessarias providencias que, embora já no fim da época balnear, serão aplaudidas, se forem rasoaveis.

J. C.

Ha cincoenta anos

Relação dos cavalheiros que em diversas épocas teem sido gravemente injuriados pela lingua danada do *Campeão das Provincias*:

Primeira publicação

José Estevam Coelho de Magalhães.	
Antéro Albano da Silveira Pinto . .	ex-governador civil de Aveiro
Manuel José Mendes Leite	idem
Antonio Teodoro Ferreira Taborda. .	idem
Conselheiro José Luciano de Castro .	
Francisco Joaquim de Castro Côrte Real	
Visconde de Almeidinha.	
Ferreiras Pintos	proprietarios da Fabrica da Vista Alegre
Francisco Antonio de Rezende . .	
José Maria Teixeira de Queiroz. . .	ex-delegado do P. Regio e actual juiz de Direito numa das varas de Lisboa
Francisco Rodrigues Ferreira Corado .	ex-juiz de Direito d'Aveiro
José Pereira de Matos	delegado do Tesouro de Aveiro
Marcelino Augusto Leite.	idem
Vicente Augusto Araujo Camisão . .	idem
Dr. Luiz dos Santos Regala. . . .	
Manuel de Mendonça.	actual editor do *Campeão*
José Nunes Teixeira	
Luiz Candido Teixeira de Moura . .	ex-secretário geral em Aveiro
D. João Pedro da Câmara	idem e actual governador civil de Coimbra
Francisco Manuel Couceiro da Costa .	
Sebastião de Carvalho e Lima . . .	
João José dos Santos Machado . . .	escrivão da Barra e sogro do proprio redactor do *Campeão*
Manuel Antonio Loureiro de Mesquita .	
Manuel Celestino Emigdio	ex-administrador do concelho em Aveiro e hoje delegado em Lisboa
Bento de Magalhães	
Pedro Couceiro da Costa.	ex-administrador do concelho de Ilhavo
João Carlos Gomes	idem
Manuel Nunes de Oliveira Sobreiro. .	idem
Padre José Candido Gomes	
Padre José Simões Chuva	
Manuel Antonio Ferreira.	secretário da Câmara de Ilhavo
Manuel Martins de Almeida Coimbra .	
João Bernardo Ribeiro de C. e Brito .	
Antonio Maximo Branco de Melo . .	
Joaquim Corrêa da Rocha Martins. .	ex-sub-delegado de Vagos e hoje delegado em Oliveira de Azemeis
João Ferreira da Cruz	ex-administrador do concelho de Vagos
Duarte Justiniano da Rosa Vidal . .	administrador do concelho de Vagos
João de Miranda Ascenso	prior de Vagos
Manuel José Ferreira do Amaral . .	Vigario das Aradas
J. Silverio de Amorim Guerra Quaresma	actual governador civil do distrito
Joaquim Maria de Miranda e Oliveira .	actual juiz de Direito
José Antonio Pereira Bilhano . . .	actual vigario geral
Juvencio Pedroso de Oliveira . . .	actual delegado do Tesouro
Manuel Gonçalves de Figueiredo . .	actual reitor do liceu
Manuel José Marques da Silva Tavares	actual administrador do concelho
José Crispiniano da Fonseca e Brito .	actual director do correio
Clemente Gomes de Carvalho . . .	actual professor do liceu
Germano Ernesto de Pinho	idem
Manuel Ferreira Corrêa de Souza . .	actual escrivão de fazenda
José Ferreira Corrêa de Sousa. . .	actual escrivão da administração do concelho

E continuar-se-á.

N. B.—Nesta relação não são incluidas senão as pessoas que ou teem exercido empregos em Aveiro, ou pertencem ao circulo, porque se fossemos a saír desta esféra, deveriamos começar por relacionar os nomes dos srs. duque de Loulé, Conde d'Avila, Casal Ribeiro, Anselmo Braamcamp, etc., etc. Mas isso seria um nunca acabar.

Como está constituida a relação que aí fica, já demonstra suficientemente que ninguem póde dar-se por vexado em tão lusida companhia.

(De *O Distrito de Aveiro*, n.º 59, sexto ano, de 9 de Outubro de 1866.)

Oferecemos este quadro ao actual *Distrito de Aveiro*, que, estando a publicar o que no seu antecessor saíu ha 50 anos, fechou com certeza os olhos ao reparar na edificante relação que aí fica, demonstrativa da vida abjecta que tem atravessado o indecente canudo da Vera-Cruz, que para maior desgraça até veio caír no partido mais avançado da Republica depois de mil transformações á Fregoli.

Não acha bonito, colega?

JÁ?...

E' o proprio *Mundo* que, por sua vez, se manifesta já, ainda que brandamente, contra esse famoso ministerio do trabalho do qual se não vê surgir uma medida sequer, uma só, que nesta situação aflitiva e gráve traga alguma coisa de proveitosa protecção contra toda essa ladroeira, que, coberta com as dificuldades de momento, tem atingido verdadeiras proporções dum grande crime contra a bolsa e contra a mizeria publica.

A'cerca do pão, escreve aquele jornal no seu numero de terça-feira ultima:

O pão dos pobres, o pão barato, que por sinal é caro, e não raras vezes intragavel. Os padeiros dizem que não pódem fabrica-lo melhor porque os moageiros lhes fornecem as farinhas a um preço elevado. Por seu lado, os moageiros dizem que o lavrador é o culpado, porque lhes vende o trigo caro, dando uma pequena margem de lucros, não obstante o lavrador ser constantemente beneficiado. Quem tem razão? Quem a não tem? Parece-nos que esta situação não póde prolongar-se por muito tempo, **requerendo medidas radicais e energicas que pelo menos atenuem a crise, caso não possa ser resolvida por completo.** A fiscalisação é pessima, se é que existe. Este é outro ponto gráve do problema, para o qual o governo, sem duvida, volverá com urgencia as suas atenções.

Entre nós está a dar-se precisamente o mesmo, com a agravante de abranger a manipulação de todas as qualidades de pão.

O branco está reduzido a uma pequenez absoluta, parecendo mais *merendeiras* para crianças do que pão, por tres dos quaes se tem de entregar 4 centávos.

Fiscalisação não existe nem ha nesta desgraçada terra quem a imponha e a ordene. Não aparece um vendedor de pão que traga uma balança, chegando até a recusarem a venda a pêso se lh'a oferecem, ficando assim impossibilitado o consumidor de saber até onde chega a fraude, que dia a dia mais se avoluma de uma fórma extraordinaria de abuso e de indiferença pela necessidade dos outros.

Tal ministro, tal ministerio, taes autoridades.

Mas se ámanhã as circunstancias tomarem outro rumo, não venham gritar que são os germanofilos, que tudo pagam agora. Os peiores germanofilos são quantos não defendem e fiscalisam os direitos do povo, importando-se apenas com o ordenado... no fim de cada mez.

Estâmos cançados de esperar as anunciadas medidas que em nada e nunca aparecem.

O AÇUCAR

Sr. Redactor

Pare que não se ponha ponto já no *beneficio* que traziam as comissões de subsistencias, que Deus haja em bom logar por muitos anos e bons, deseja um leitor e assinante do conceituado jornal de V. e comerciante do concelho de Aveiro, ilucida-lo de algumas coisas que ainda estão por dizer.

Já sabemos que o comerciante Francisco Antonio Meireles, que pertencia á falecida comissão de subsistencias, ficou do primeiro wagon com 18 sacos de açucar e ainda não explicou o destino que tiveram os 10 sacos regeitados pelo comerciante Macedo.

Já sabemos que o sr. Inspector de Finanças requisitou 12 quilos de açucar, quando o regulamento que ele elaborou era de sómente ser vendido em cada dia e a cada familia um quarto de quilo, comprado por pessoas de maior idade, etc.

Mas o dito regulamento dizia que em cada dia não seriam cedidos a cada comerciante mais do que 30 quilos. Ora áqueles a quem a *digna comissão* destinou um saco, tinham açucar para vender dois dias e meio e ainda não venderiam a toda a gente que o desejasse; a quem foram destinados dois sacos, tinham açucar para cinco dias e a quem foram destinados 20 sacos, tinham no para 50 dias! Aqui temos nós uma espertêsa que não foi de *rato*, mas de *meio reles* gato que papou touos os seus *dignos* socios da comissão. Querem maior absurdo? Se se destinava mais quantidade de açucar a uns do que a outros, era porque os primeiros tinham maior numero de clientes do que os segundos, e não para que aqueles tivessem o beneficio de o vender maior numero de dias.

E porque razão alguns comerciantes ficaram com duzias de sacos de açucar, e não foram distribuidos alguns quilos, sequer, aos comerciantes das freguezias do concelho? Então só na cidade é que se toma café e chá, e é só na cidade qua ha doentes que necessitam dêste genero? Em S. Bernardo, Oliveirinha, Eixo, Cacia, Esgueira, etc., não ha gente que para se alimentar necessita absolutamente de açucar, e tambem outros habituados a tomar a sua chazada? E como haviam os habitantes destas localidades obter açucar, se os contemplados não lh'o vendiam por não serem seus freguezes? Repare nisto quem compete para que tambem na respectiva contribuição industrial serem elevados com mais alguns escudos em beneficio daqueles que não obtiveram açucar, pois o lucro de 4 centávos e tal em quilo dará para esse aumento. Se, para a distribuição do açucar, o sr. Meireles e outros, vendem mais do que alguns, develhes ser carregada a contribuição; e aos da cidade e resto do concelho que não tiveram açucar, deve ser diminuida, porque não só não ganharam, mas atesta o maior negocio de cada um a maior quantidade de açucar que a comissão de subsistencias lhe distribuiu.

Com a distribuição do wagon de açucar para os diferentes concelhos do distrito tambem houve, como não podia deixar de haver, favoritismo. Assim, em Ilhavo, o administrador do concelho, emquanto a uns dá sacos inteiros, deixa a outros sem nada; daí o descontentamento do povo que chegou a pensar numa intervenção violenta. Em Vagos, os 10 sacos

de açucar que foram para aquele concelho, entregaram nos ao comerciante Trindade, e como este ache pouco o lucro de 4 centávos e tal em quilo, vende-o a 420, que é para ganhar nos 10 sacos cerca de 50$, importancia esta que talvez não uzufruisse outr'ora, em todo o ano, neste genero.

O mal já vem de trás.

O governo devia tomar conta de todo o açucar, distribui-lo pelos distritos, e era o governo que devia efectuar o pagamento aos fornecedores, para que não houvesse os taes pagamentos *por fóra*. Os governadores civis fariam a distribuição pelos concelhos, conforme a sua população, tendo em vista as das sédes deles em que geralmente igual numero de individuos gasta mais açucar do que nas aldeias.

Por seu turno, os administradores dos concelhos fariam a distribuição pelas mercearias, servindo de baze a respectiva colecta da contribuição industrial.

Os comerciantes colectados como merceeiros ou tendeiros, seriam convidados a entrar com a importancia para pagamento do açucar que lhes pertencia. A quantidade de açucar distribuida a qualquer que não entrasse com o dinheiro, seria rateada pelos outros comerciantes, e a importancia total enviada ao governador civil ou directamente ao governo, para vir o genero. Desta fórma não havia *arranjos*, nem se falava das bôas *gorgetas* que teem apanhado alguns *leaes* servidores do Estado. Leaes, sim, porque hoje leal servidor do Estado é aquele que se diz ser acerrimo republicano, ou antes ou depois. Não importa, porêm, que se arranje...

Virá mais açucar para Aveiro? Como é que o sr. governador civil fará a distribuição? Não terá s. ex.ª em atenção que nas aldeias tambem se toma café, chá e leitinho? Segundo nos dizem, o açucar que vier é vendido na esquadra de policia ou na Câmara municipal. Sim; achâmos justo que de Requeixo, Sarrazola, Povoa do Valado, etc., venham Aveiro gastar um dia para levar um quarto de quilo de açucar...

Se é certo que alguns comerciantes estão muito ricos depois da guerra, não são, de certo, os retalhistas, que de onde a onde vão fechando os seus estabelecimentos por não se poderem aguentar, dando alguns prejuizos aos seus credores.

O açucar era um artigo que antes da guerra deixava muito pouco lucro, mas em compensação vendia-se bastante.

Ninguem desconhece que todos os generos de mercearia se vendem muito menos e com menor percentagem de lucro—a não ser no açucar com o preço que estabeleceu a comissão de subsistencias, porque na partilha alguem precisava de bom quinhão. Se o açucar fôr vendido na policia ou na câmara, estou certo que o ex.^mo chefe do distrito não se descuidará de atender aos prejuizos que causa ao comercio, e aumentará ao custo o lucro suficiente para pagar aos comerciantes do mesmo genero a sua contribuição industrial deste ano, principalmente daqueles a quem não tem sido distribuido açucar, e brevemente terá a Repartição de Finanças de dar a respectiva nota.

Pela inserção destas linhas, se confessa muito grato o

De V. etc.,

Antigo assinante

GAZETILHA

A proposito

Botou fala o nobre Conde
Tanta vez quantos convivas,
Que choruda *mayonese*,
Peca e seca quaes espigas!

Tanta fala, tanta, tanta,
Que o *amavio* quebranta...

D'olho fechado o Peixinho
Pescando de botirão
Jura ser ao titular
Sem politica... a *piscar*
Que ali presta adoração.

Sae-lhe á perna furioso,
Quebrando teso o idilio,
Gesto largo e voz d'alarme,
O ex-*Hoche*, Antonio Emilio.

E tal berreiro levanta
Que amedronta a sua gente
Teimando que só lá fôra
Comer politicamente.

Que se deixasse de lérias,
Regongou aos mafarricos,
Que findasse c'o jogar
Com um pião de dois bicos.

Não admito traições
Mais ficeles e trapaças
Todos nós, que nos juntámos,
Não sômos senão *talassas*.

O Peixinho entupiu
Não tugiu, nem deu um urro,
Pensando c'os seus botões:
Sou um asno, um grande burro...

Salta logo o *Mijareta*
Enfunado em galbardia,
Fazendo todos jurar
Fé eterna á monarquia.

Fui um bandalho, convenho,
Mas nesta corrente vou
Governei bem a vidinha
Têta talassa aqui estou.

Eu gastei á franca, á larga,
Lá pelas terras de Espanha,
Muito pato, a minha labia,
Prendeu qual *teia* de aranha.

Doze contos, bacorejam,
Que a gente incauta apanhei...
Foi uma conta calada
Em nome de Deus e Rei...

Vergonha, pudor e honra
Quem m'a viu, quem m'a fiou?
Isso não enche barriga,
Amigo Acacio, grudou?

Foi no duelo c'o Conde
Que eu te disse esta cantiga:
—Acacio, vamos, desdiz te
Honra não enche barriga.

E tu engoliste tudo
Que disseste, aquela bôrra,
E começaste, a seguir,
A comer á tripa fôrra.

Quem pela honra se bate
Esfalfa-se e cáe em pêco,
Morre de morte macabra
Farto de engulir em sêco.

Mentir, roubar, intrujar,
Tudo e todos, sem medida,
Sugeitando ao bem da pança
Todos os actos da vida!

Tudo rouba, tudo come,
Tudo mente desde Adão
Em nome de Deus se rouba,
De Deus o mór intrujão.

Deixêmos cantar quem canta,
Siga a roda e a folia
Viva o *nobre* Conde d'Agueda
Mais a nova monarquia!...

Soergueu-se vagaroso
Padre Antonio e protestou,
E' conforme ou me convem;
— Ora sou, ora não sou...

Tenho a cara deslavada
Pareço um judas, traidor,
Democrata, evolucionista,
Talassa agora—um 'stupor.

Chamam-me todos canalha
Mas contra todos eu berro,
Até Pimenta de Castro
Fez de mim testa de ferro.

Quiz ser alguem; afinal
Só fui grandê em confissões
A prégar, dizendo asneiras,
Aos patêgos, nos sermões.

Mas, no mundo de letrado,
Saí um chôcho, um mirrado.

Levantou-se o padre Chiça
Pôz-se em posição de bôrco
P'ra falar ao titular
De amiganço *por um porco*...

Quiz falar, que posição!
Todos riram e assim
Cheio de gazes... arrota
Umas coisas em latim.

Coisas essas que esfumaça:
—Per omnia secula seculorum
Temos um credo—*talassa*.

Um comensal

Transcrições

O Espelho, magnifica ilustração que em Londres se publica em lingua portuguêsa, transcreveu os artigos de *O Democrata—Um pisodio da guerra* e *O Blockans de Neuve-Chapelle*. O *Boletim de Administração Militar*, outra revista dos oficiaes do serviço de administração, tambem transcreveu o nosso artigo — *A administração militar francêsa na batalha de Flandres*—todos do nosso presado colaborador Humberto Beça.

Agradecemos.

NECROLOGIA

Na avançada idade de 90 anos faleceu no dia 2 em Azurva a sr.ª Engracia Rezende, mãe do sr. José Ferreira de Carvalho, proprietario da *Padaria Calado*, na rua do Cáes, e avó do nosso antigo assinante sr. Pedro Marques da Silva, que no mesmo logar se dedica ao comercio.

O enterro da desditosa *Gracia Belha*, nome por que era mais conhecida por possuir um espirito folgazão, realizou-se no dia seguinte com larga concorrencia, sendo o seu cadaver transportado numa carrêta e acompanhado tambem pela irmandade a que a finada pertencia.

Pêsames a todos os seus.

=Tambem em Silva Escura, donde era natural, se finou no dia 8 o sr. dr. Joaquim Ferreira da Silva Amorim, juiz de direito aposentado e pae do sr. dr. Adriano de Campos Amorim, delegado do Procurador da Republica na comarca de Aveiro.

A este, bem como a seus irmãos, o nosso cartão de pêsames.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 6

Passou ontem o 1.º aniversario do falecimento do sr. dr. João Eduardo Nogueira e Melo que foi um abalisado jurisconsulto desta freguezia.

Em sinal de sentimento está hoje içada a meio páu, no edificio escolar desta freguezia, a bandeira nacional da Junta de Paroquia, o que não se fez ontem por ser o dia do 6.º aniversario da Republica, dia de regosijo.

=Estão concluidas as colheitas do vinho.

Quem tratou as vinhas fez uma colheita regular, e quem se descuidou, teve pouco. Alguns fizéram muita agua-pé; e não fizeram mal, porque fica uma bebida menos alcoolica, e, portanto, não embebeda. Será talvez um ano pouco abundante em desordens...

=Começou a colheita dos milhos do campo. Pouco e ordinario.

=Partiu para Lisboa o sr. dr. Alberto Nogueira Lemos, dig.^mo juiz de direito em S. Tomé.

C.

ANUNCIOS